



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025

Explorando a Comunidade de Investigação na Educação Filosófica para Crianças

Iracema de Jesus Santos¹; Alexnaldo Teixeira Rodrigues²

1.Iracema de Jesus Santos, PROBIC/UEFS, FILOSOFIA, e-mail: iracemavldh@gmail.com

2.Alexnaldo Teixeira Rodrigues, DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA, e-mail: atrodriques@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade de investigação; pensamento crítico e reflexivo;
Filosofia para crianças.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar e compreender o conceito de *Comunidade de Investigação* desenvolvido por Matthew Lipman, destacando seu potencial para fomentar o pensamento crítico e reflexivo desde a infância. Além disso, buscou-se identificar os elementos considerados por Lipman como essenciais para a implementação dessa abordagem em contextos educacionais. O estudo, realizado no âmbito de uma bolsa PIBIC/UEFS, integrou o projeto de pesquisa mais amplo intitulado “*Filosofia Criativa: Desenvolvendo uma Didática Disruptiva para o Ensino Filosófico*” (CONSEPE 037/2024). Parte-se da constatação de que as crianças, desde muito cedo, demonstram curiosidade e capacidade de reflexão, mas essas potencialidades nem sempre são plenamente aproveitadas no contexto escolar da primeira infância. Nesse cenário, a proposta da *Comunidade de Investigação* mostra-se relevante, pois favorece a formação do pensamento crítico e amplia as possibilidades de aprendizagem significativa. A *Comunidade de Investigação* é entendida como uma prática de diálogo filosófico que estimula a problematização das experiências dos alunos, promovendo o desenvolvimento de um pensamento crítico, criativo e sensível — aspectos fundamentais para uma educação pautada em princípios democráticos. Inspirado no pragmatismo de John Dewey, Lipman reformula o papel da filosofia na escola ao propor a transformação da sala de aula em um espaço de investigação coletiva, no qual os estudantes aprendem a pensar de forma autônoma e reflexiva. A relevância do estudo reside em evidenciar como a proposta de Lipman contribui para o fortalecimento de uma educação democrática, rompendo com práticas tradicionais baseadas na mera transmissão de conteúdo.

METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa configura-se como de cunho teórico, quanto à sua natureza, e bibliográfico, quanto à sua operacionalização (Sakamoto; Silveira, 2014). As principais referências foram as obras de Matthew Lipman, especialmente *Filosofia vai à escola* (1990) e *O pensar na educação* (1995), complementadas por autores que analisam e

aprofundam suas ideias, como Ann Margaret Sharp, Laurance J. Splitter e Walter Kohan. A partir dessas fontes, buscou-se ampliar a compreensão do conceito de *Comunidade de Investigação* e de suas implicações pedagógicas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A Comunidade de Investigação, proposta por Matthew Lipman, constitui-se como um conceito operativo no campo da educação filosófica, decorrente de sua reflexão acerca do desenvolvimento infantil e da educação reflexiva. No final da década de 1960 e início da década de 1970, Lipman chamou a atenção para a necessidade de estimular desde cedo a curiosidade, a linguagem, o pensamento e o raciocínio lógico das crianças, ao mesmo tempo em que criticava o modelo escolar excessivamente estruturado e centrado na memorização. Tal modelo, segundo ele, tende a restringir a iniciativa, a inventividade e a reflexão natural dos estudantes (Lipman, 1995, p. 23). Consoante Lipman (Cf. 1995, p.23), a criança tende a esperar que a escola seja uma extensão do lar, um espaço que estimule linguagem, pensamento e descobertas, tal como ocorre no ambiente familiar. No entanto, ao ingressar na escola primária, encontra um espaço rígido, marcado por regras e por uma linguagem uniforme, desvinculada do contexto vivido. Esse ambiente, em vez de nutrir a curiosidade e a inventividade, acaba enfraquecendo a iniciativa e a reflexão das crianças, tornando a experiência escolar desanimadora e pouco estimulante (Lipman, 1995, p. 23).

Esse diagnóstico evidencia a relevância de estratégias pedagógicas capazes de preservar e cultivar a curiosidade infantil ao longo da vida escolar. Inspirado pelo pragmatismo de John Dewey e pelo conceito originalmente formulado por Charles Sanders Peirce, Matthew Lipman desenvolveu a noção de *Comunidade de Investigação* como uma metodologia voltada à construção coletiva do conhecimento, na qual o diálogo ocupa papel central e participativo para os alunos. O termo, cunhado por Peirce no âmbito da investigação científica, tinha como finalidade inicial designar o trabalho cooperativo entre pesquisadores. Com o tempo, contudo, seu sentido foi ampliado e passou a ser aplicado em diferentes áreas do saber, inclusive fora do campo estritamente científico. É a partir dessa ampliação que Lipman (1995) sustenta a possibilidade de “converter a sala de aula em uma comunidade de investigação”, colocando professores e estudantes em um processo conjunto de questionamento, argumentação e busca de sentido. Como afirma o próprio Lipman: “Uma comunidade de investigação tenta acompanhar a investigação pelo caminho que esta conduz, ao invés de ser limitada pelas linhas divisórias das disciplinas existentes” (Lipman, 1995, p. 31).

De acordo com Silveira (2003, p. 85), “nela os alunos são dispostos em círculo e, sob a orientação do professor, discutem com liberdade os temas que julgam mais interessantes e que foram extraídos da leitura de algum dos romances que acompanham o programa”. Trata-se de uma prática que vai além da conversa cotidiana: enquanto a conversa é mais espontânea e pessoal, o diálogo exige rigor lógico e compromisso com a construção do conhecimento, promovendo a problematização e o questionamento mútuo (Lipman, 1995, p. 335).

Lipman (1995) aprofunda essa distinção ao afirmar que a comunidade de investigação não se limita à expressão de opiniões ou trocas informais. Diferente da conversa, cujo fio lógico tende a ser frágil e de caráter mais subjetivo, o diálogo possui uma estrutura que obedece a normas processuais, nas quais a racionalidade e a criatividade caminham juntas. Nesse sentido, cada etapa da investigação constitui um ato lógico: a formulação de problemas, o levantamento de hipóteses, a análise de evidências e a construção de inferências fazem com que o pensamento avance de modo colaborativo e sistemático. Assim, o que se inicia como troca de ideias evolui para um exame rigoroso da realidade, permitindo que os participantes se tornem investigadores ativos de seus próprios questionamentos.

Lipman (1995) propõe que a educação filosófica para crianças seja inovadora e acessível, partindo de três pilares: narrativas filosóficas, que funcionam como pontos de partida para reflexões mais profundas; métodos colaborativos, em especial a Comunidade de Investigação, que permite a construção coletiva do conhecimento; e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais, por meio da argumentação, da análise crítica e da resolução de problemas. Dessa forma, a filosofia para crianças deixa de ser uma atividade abstrata e se torna um caminho prático para formar sujeitos mais autônomos e reflexivos, preparados para a cidadania democrática (Lipman, 1995, p. 11).

Nesse sentido, Lipman (1995) aprofunda a distinção entre conversa e diálogo, observando que, enquanto a conversa tende a ser mais pessoal e subjetiva, com um fio lógico frágil, o diálogo possui uma estrutura processual, regida por normas racionais e criativas (Lipman, 1995, p. 335).

Cada etapa da investigação — formulação de problemas, levantamento de hipóteses, análise de evidências e construção de inferências — configura-se como um ato lógico, de modo que o pensamento avança colaborativamente, numa dinâmica em que racionalidade e criatividade se articulam. Assim, o que se inicia como uma simples troca de ideias evolui para um exame sistemático e rigoroso da realidade, permitindo que professores e estudantes se tornem investigadores ativos de seus próprios questionamentos (Lipman, 1995, p. 34).

Ao ser aplicada desde a infância, essa metodologia não apenas estimula o raciocínio lógico e crítico, mas também preserva a curiosidade natural, promove a sensibilidade social e transforma a sala de aula em um espaço democrático. Nesse aspecto, a comunidade de investigação concretiza a proposta de Dewey, ao estimular uma educação que favoreça o pensamento independente, imaginativo e criativo, baseada na problematização, na experimentação e na reflexão sobre os resultados (Lipman, 1995, p. 31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados teóricos desta pesquisa indicam que a implementação da Comunidade de Investigação representa mais que uma alternativa metodológica: trata-se de um paradigma educacional que rompe com práticas tradicionais baseadas na transmissão unilateral de conteúdos e favorece a construção coletiva do conhecimento. Ao estruturar o processo de aprendizagem como uma investigação lógica e colaborativa, essa proposta estimula a

autonomia intelectual, a cidadania democrática e a capacidade de lidar criticamente com problemas reais.

Além disso, a Comunidade de Investigação preserva a curiosidade natural da infância, amplia o potencial criativo dos estudantes e os convida a assumir o papel de investigadores ativos, comprometidos com a coerência e a clareza argumentativa. Lipman enfatiza que a escola não deve limitar-se ao ensino de habilidades básicas como leitura, escrita ou cálculo, mas precisa priorizar o fortalecimento da capacidade de pensar (Lipman, 1995, p. 11). Nesse sentido, sua proposta integra filosofia, lógica e prática pedagógica, mostrando-se capaz de inspirar metodologias interdisciplinares e ativas, como a aprendizagem baseada em projetos.

Assim, a comunidade de investigação, ao unir racionalidade e criatividade em um processo coletivo, revela-se uma via promissora para a formação de sujeitos críticos, criativos e eticamente responsáveis, preparados para participar de forma consciente e reflexiva da vida democrática.

REFERÊNCIAS

BROCANELLI, Roberto Cláudio. **Matthew Lipman: Educação para o pensar filosófico na infância**. São Paulo: Vozes, 2010.

DANIEL, Marie-France. **A filosofia e as crianças**. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

GADOTTI, Moacir. A filosofia para crianças e jovens e as perspectivas atuais de educação. *In.*: KOHAN, Walter O.; LEAL, Bernardina (org.). **Filosofia para Criança em Debate**. Vol. 4. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIPMAN, Matthew. **O pensar na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1990.

LORIERI, Marcos Antonio. **Filosofia no ensino fundamental: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2000.

MATTHEWS, Gareth B. **A filosofia e a criança**. Tradução: Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVEIRA, Renê José Trentin. **Matthew Lipman e a filosofia para crianças: três polêmicas**. Campinas, Sp: Autores Associados, 2003.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à filosofia da educação: escola progressiva ou a transformação da escola**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

VALE, Jocilaine Moreira Batista do. **O ensino da filosofia na educação básica: uma experiência no município de Pacatuba a partir da perspectiva de Matthew Lipman**. 2019. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.